

## China: Clima de CO2 denier

*Um comentário de Rainer Rupp.*

Na minha dose diária de 22 de Novembro "[Am Deutschen Klimawesen wird die Welt nicht genesen](#)", foi sublinhado que a China é um dos países responsáveis por dois terços das emissões mundiais de CO2, mas que não sonha em levar a sério a "ciência" do clima de CO2 ocidental. Houve fortes críticas por parte de alguns leitores.

Um leitor, por exemplo, comentou em um tom bem conhecido e sabichão que o autor deveria "por favor, nomeá-lo apenas um, realmente apenas um cientista climático chinês, físico, geólogo, etc., que diga algo assim", que assim não acredita no dogma do CO2 colocado no mundo pelo IPCC (International Climate Council). É com prazer que acolho este pedido, mas não sem me perguntar de onde vem esta convicção aparentemente firme de que a China está sentada no barco do clima de CO2.

Por exemplo, há cinco renomados pesquisadores da Terra e do clima da Universidade de Beijing, JingYun Fang, Jiang Ling, Zhu ShaoPeng, Wang Chao Yue e Hai Hua Shen. Em seu extenso estudo, publicado em outubro de 2011 sob a liderança do Dr. Fang (Fang et al.), diz, entre outras coisas, que "o relatório do IPCC não é mais o documento oficial sobre mudança climática". É politicamente tendencioso e contém uma série de erros e deficiências. O aquecimento global é um "fato objetivo", mas há "grande incerteza sobre o nível de elevação da temperatura". Além disso, as actividades humanas e os factores naturais contribuem para o aquecimento; no entanto, é difícil quantificar a respectiva contribuição.

O estudo científico de Fang et al. também foi publicado pela Springer Verlag sob o título: "Aquecimento global, emissões de carbono induzidas pelo homem e suas incertezas". (Custo 41,50 euros) A introdução ao livro resume a situação:

"Nas últimas décadas tem havido uma série de debates sobre o aquecimento global e suas forças motrizes. Com base em uma análise detalhada da literatura científica, assumimos que (1) o aquecimento global está ocorrendo, mas com grandes incertezas sobre a extensão do aumento da temperatura; (2) tanto as atividades humanas quanto as forças naturais contribuem para a mudança climática, mas suas contribuições relativas são difíceis de quantificar. e (3) a afirmação do Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas (IPCC) de que o aumento das concentrações atmosféricas de gases com efeito de estufa (incluindo o CO2) desempenha o papel dominante no aquecimento global é posta em causa pelas comunidades científicas devido a grandes incertezas na interação dos factores naturais e das actividades antropogénicas (ou seja, as provocadas pelo homem).

Fang et al. também são críticos quando se trata da influência dos chamados "gases de efeito estufa". No século passado, por exemplo, tornou-se evidente que a mudança na temperatura nem

sempre coincidia com a mudança no teor de CO<sub>2</sub> da atmosfera. Também não existe uma "correlação significativa entre o aumento anual da concentração de CO<sub>2</sub> e a anomalia anual da temperatura média". Além disso, existe "grande incerteza sobre as fontes de concentração de CO<sub>2</sub> na atmosfera". Por conseguinte, as emissões antropogénicas, por si só, não podem ser consideradas responsáveis pelo aumento do teor de CO<sub>2</sub> da atmosfera.

Em outro estudo, publicado mais ou menos simultaneamente, Fang et al. provou que a região desértica do noroeste da China tornou-se mais verde sob a influência de temperaturas ligeiramente mais elevadas combinadas com um maior teor de CO<sub>2</sub> no ar, o que é vital para as plantas. O título do estudo é "[Mudança climática afeta o crescimento da vegetação na região árida do noroeste da China](#)" (1).

No período investigado de 1982 a 2003, Fang e seus colegas chegaram à conclusão de que a região desértica investigada mudou lentamente de seca-quente para úmida-quente e que a vegetação da região desértica durante o período investigado de 22 anos apresentou um aumento médio anual do período de vegetação de 0,7%, baseado em dados climáticos e de CO<sub>2</sub> correspondentes e com a ajuda de dados apoiados por satélite do "Índice Normalizado de Vegetação Diferenciada (IVDN)", um índice que fornece informações sobre a ecologização da superfície terrestre. Outros estudos chineses mostraram resultados semelhantes em relação ao aumento do período de vegetação nas regiões norte e montanhosa da China.

Em geral, as mudanças climáticas observadas na China até agora representam um resultado positivo para os cientistas e políticos do país, especialmente porque o Reino do Meio não acredita em cenários catastróficos de CO<sub>2</sub> feitos pelo homem pintados na parede do Ocidente. Isto já tinha sido deixado claro pelo principal especialista em paleoclimatologia da China, Ding Zhongli, num artigo detalhado sobre as alterações climáticas na primeira página do Beijing Science Times de 7 de Setembro de 2009, no período que antecedeu a cimeira da ONU sobre o clima, que teve lugar em Dezembro de 2009 em Copenhaga, num clima gelado.

O artigo não era apenas de particular importância porque o Sr. Ding era o geofísico mais respeitado da China, mas ele também era vice-presidente da Academia Chinesa de Ciências, dando-lhe a "última palavra" no Partido Comunista Chinês sobre ciência climática.

Na referida entrevista no "Science Times" da China, que foi retomada num artigo do Washington Post ("[As marcas da China no fiasco das conversações de Copenhaga](#)" (2), Washington Post, 14.01.2010), o Sr. Ding afirmou: "Não existem provas fiáveis na ciência para a afirmação de que existe uma correlação significativa entre os aumentos de temperatura e as concentrações de dióxido de carbono atmosférico (CO<sub>2</sub>)", o artigo foi publicado no Washington Post ("As marcas da China em todo o fiasco das conversações de Copenhaga" (2), Washington Post, 14.01.2010). Em vez disso, o Sr. Ding confirma: "Os geofísicos, por exemplo, assumem que a mudança de temperatura global está relacionada à atividade solar..... Fatores feitos por humanos podem ter uma influência condicional muito alta".

Que a China não está preocupada com o aquecimento global também foi revelado em uma entrevista com o britânico Guardian por outro conhecido cientista climático chinês pouco antes da cúpula climática de Copenhague. Nele, Xiao Ziniu, chefe do Centro Climático de Pequim, disse que "um aumento de dois graus na temperatura não traria necessariamente a catástrofe prevista pelo IPCC. "Se o clima fica mais quente ou mais frio, tem consequências positivas e negativas", disse Ziniu. Houve muitas vezes na história chinesa que foram mais quentes do que hoje.

Os pontos de vista do Sr. Ding e do Sr. Ziniu moldaram desde então as posições negociais da China em todas as conferências sobre o clima. No que diz respeito ao dogma "A ciência está estabelecida", a natureza científica dos modelos climáticos ocidentais subjacentes ao CO2 é tudo menos clara para a China.

No entanto, os chineses não se cruzam simplesmente no seu caminho, mas participam em todos os fóruns climáticos relevantes sem terem assinado um compromisso único de redução das suas emissões de CO2. Mas também a Índia, o Brasil, a África do Sul e outros países emergentes e em desenvolvimento seguiram a estratégia chinesa. Foi formulado pelo Sr. Ding a tempo da Cimeira de Copenhaga sobre o clima:

Em um estudo de estatísticas históricas de emissões de carbono de várias nações ao redor do mundo, ele tinha uma conexão óbvia: quanto mais rápido a economia de uma nação crescia, mais energia ela produzia pela queima de combustíveis fósseis. Na sequência disso, o senhor deputado Ding ficou indignado com o facto de os países desenvolvidos do Ocidente, que emitiram gases com efeito de estufa para a atmosfera durante mais de um século, terem subitamente insistido em que os países em desenvolvimento pobres - incluindo a China - deveriam agora suportar o fardo de, alegadamente, evitar o previsível terror do aquecimento global por parte do IPCC. Como motivo secreto para o dogma do CO2 ocidental, Ding suspeitou que as potências ocidentais estavam a tentar "travar o crescimento dos países em desenvolvimento e manter as suas próprias posições privilegiadas".

O Beijing Science Times (citado do artigo do Washington Post mencionado anteriormente) comentou: "Dados calculados e fornecidos pela Força Tarefa de Pesquisa do Sr. Ding revelam claramente as intenções ocultas e assassinas de alguns países". É por isso que a China teria de continuar a ofensiva contra estes países na mesa de negociações sobre o clima em Copenhaga, a fim de proteger o seu "direito ao desenvolvimento". Foi exactamente isso que a China fez e já arrastou para o seu lado muitos outros países em desenvolvimento e emergentes no período que antecedeu Copenhaga.

A estratégia negocial da China em Copenhaga assenta firmemente em dois conceitos fundamentais:

- a) Emissões de CO2, calculadas "per capita da população", e
- (b) As emissões de CO2 devem ser calculadas num "contexto histórico".

Isto significa que a China pode produzir tantas emissões de CO2 per capita quanto as emissões per capita por cidadão chinês atingirão o mesmo nível que as emissões per capita nos países industrializados ocidentais. O "contexto histórico" significa que as emissões de CO2 per capita são consideradas acumuladas ao longo de todo o período histórico de 1900 a 2050, sendo as quotas nacionais de emissão calculadas apenas com base na produção de carbono per capita acumulada de 1900 a 2005.

Assim, enquanto a China conseguiu aumentar ainda mais as suas próprias emissões de CO2, Pequim, em Copenhaga, exigiu com êxito que os EUA, a Europa e o Japão reduzissem imediatamente as suas emissões de CO2 e continuassem a reduzi-las nos próximos 40 anos. A China e todos os outros "países em desenvolvimento" devem continuar a aumentar as suas emissões até atingirem o "agregado per capita" de 150 anos de consumo de CO2 pelos cidadãos ocidentais.

Com esta estratégia, Pequim explorou inteligentemente a fixação do CO2 ocidental para forçar os decisores políticos ocidentais em matéria de clima a forçar as economias dos seus próprios países a utilizar energia mais limpa mas mais cara, enquanto a China e outros países como a Índia continuam a ter acesso a energia fóssil barata mas intensiva em termos de CO2.

Neste contexto, é - pelo menos à primeira vista - completamente incompreensível que os políticos e os meios de comunicação social ocidentais elogiem os alegados esforços climáticos da China em relação ao trevo verde. Mesmo depois do resultado desastroso da cimeira climática de Copenhaga para as ambições ocidentais, um colunista do New York Times elogiou o "Salto Verde em Frente" da China como a "coisa mais importante" da primeira década do século XXI. O Presidente chinês Xi também recebeu muitos elogios depois da Cimeira de Paris sobre o Clima, embora tenha continuado a manter a estratégia chinesa e não tenha comprometido o seu país a reduzir as emissões.

Basta entrar no bar de busca (china, klimaschutz, barbara hendricks) no site do Ministério Federal do Meio Ambiente, Conservação da Natureza e Segurança Nuclear, e você fica com a impressão de que nosso último Ministro Federal do Meio Ambiente na China realmente viu os aliados mais fortes da Alemanha para salvar o mundo da mudança climática de CO2 juntos. Aqui estão apenas alguns pequenos exemplos:

Num comunicado de imprensa de 12 de novembro de 2014, Barbara Hendricks congratulou-se com o facto de, entre outras coisas, "a China se ter comprometido com uma proteção climática ambiciosa ao mais alto nível". Esta declaração significa que ela ou não tinha qualquer ideia da situação na China ou queria criar um clima entre os propagandistas do CO2 na Alemanha.

Em seu discurso no 5º Fórum Ambiental Alemanha-China na China, em 29.04.2016, Barbara Hendricks elogiou a Alemanha e a China por seu compromisso bem-sucedido com o acordo climático de Paris. A China e a Alemanha são o foco deste processo: a China, a maior economia

do mundo, pode definir uma tendência global com medidas ambiciosas - na conservação dos recursos e na proteção do clima", acrescentou.

Coloca-se aqui a questão de saber se a Ministra Federal do Ambiente e os seus redactores de discursos nem sequer notaram que a China, juntamente com a Índia e outros países, tinha torpedeado com êxito o plano ocidental para acordar objectivos vinculativos de redução de CO2 para todos os participantes no Acordo de Paris.

Em seu discurso no Bundestag sobre o tema da proteção do clima, em 22 de junho de 2017, o ministro Hendricks enfatizou que "o anúncio do presidente Trump de se retirar do Acordo de Paris decepcionou a todos nós". Ao mesmo tempo, porém, "esta decisão tinha aproximado os outros países - da China à Índia... à Rússia". Mas o oposto era o caso!

Porque é que Barbara Hendricks e com ela as elites ocidentais que empurram o CO2 para o "olho chinês" quando se trata do clima? Existe algum receio de que uma reflexão ocidental sobre a oposição fundamental da China ao dogma do CO2 leve também a água aos moinhos de espíritos críticos deste país? Estará a China a olhar para o outro lado para não pôr em perigo o lucrativo modelo de negócio de CO2 trilhões de euros? Este último poderia realmente explicar por que a mídia corporativa também está fingindo que os chineses fazem parte do barco do clima de CO2 ocidental.

E os chineses estão a fazer tudo o que podem para reforçar esta impressão e exportar ainda mais moinhos de vento e células solares para o Ocidente. No Fórum Económico Mundial de Davos, em janeiro de 2017, poucos dias antes da tomada de posse de Donald Trump, o Presidente chinês Xi pronunciou-se fortemente a favor do Acordo Climático de Paris (que é insignificante para a China):

"Todos os signatários devem respeitá-la (seus compromissos de Paris para reduzir as emissões de CO2) e não desistir. Essa é a nossa responsabilidade para com as gerações futuras."

Xi naturalmente dirigiu-se ao novo presidente dos EUA com isto. Mas como alguém que, tal como Xi, não suspeita de outra coisa que não seja um hóquei científico por detrás da histeria do CO2, Trump - ao contrário do seu antecessor Obama - há muito que tinha analisado a estratégia chinesa e anunciado prontamente a retirada dos EUA do Acordo de Paris.

Uma coisa é certa: o maior emissor de CO2 do mundo, a China, não sacrificará a sua produção barata de energia fóssil e, portanto, a competitividade da economia do país gigante por um "estúpido resgate climático". O país continuará a utilizar combustíveis fósseis muito além de 2030, e em grande escala. A eletricidade do sol e do vento permanece marginal. Se Trump for reeleito, os EUA também continuarão a reverter sua excursão para as mais caras energias "verdes".

O argumento, frequentemente ouvido, de que a China investiu muitos milhares de milhões de euros em tecnologias de energia verde e que, por conseguinte, alegadamente está a seguir uma

política verde, não acabou. Os produtos de tecnologia verde da China foram exportados principalmente para o Ocidente, onde foram pagos subsídios elevados para painéis solares e turbinas eólicas. Ironicamente, a China produziu metade das células solares do mundo a partir de 2010, utilizando electricidade barata alimentada a carvão. No entanto, apenas um por cento da tecnologia ambiental produzida na China foi usada em casa, informou o especialista chinês Heinz Horeis em NOVO em junho deste ano.

Não haverá "reviravolta energética" na China, nem Greta, nem greve escolar, nem qualquer outra loucura verde. Mas um fornecimento eficiente de energia com muitas centrais elétricas modernas a carvão e cada vez mais centrais nucleares, diz o cientista japonês Horeis, que ao mesmo tempo aconselha os políticos ocidentais a se adaptarem a um mundo como a China, onde a questão é mais importante do que o clima.

Neste contexto, vale ressaltar mais uma vez que a participação da Alemanha nas emissões globais de CO2 é de apenas 2%. A retirada da Alemanha do carvão será, portanto, totalmente inútil e inútil. Nem sequer será notado no balanço global de emissões.

A China, com uma participação de 29% nas emissões globais de CO2, continuará a expandir suas usinas elétricas movidas a carvão pelo menos até 2030. Mesmo que os defensores do clima alemães viessem de cabeça para baixo, o mundo não poderia ser salvo se o dogma do IPCC estivesse correcto. Mas os chineses, indianos, russos e seus muitos bons cientistas têm fortes dúvidas científicas sobre o modelo altamente politizado e monetarizado do IPCC. Sem a China e os outros países, todas as vítimas do clima na Alemanha são em vão, sob a forma de impostos e custos energéticos mais elevados. No entanto, todo o resgate climático tem uma boa chance de anunciar o início do fim da nação industrial alemã.

**Fonte:**

1. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0140196311001595>
2. <https://www.washingtontimes.com/news/2010/jan/14/china-imprints-all-over-copenhagen-talks-fiasco/>

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar.

+++

Sugestão de imagem: [Maxx-Studio](#)/ Shutterstock

+++

KenFM se esforça para obter um amplo espectro de opiniões. Artigos de opinião e contribuições de convidados não precisam refletir o ponto de vista editorial.

+++

Gostas do nosso programa? Informações sobre opções de suporte podem ser encontradas aqui: <https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora você também pode nos ajudar com Bitcoins.

BitCoin Endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqNqSoW5TL1z1PZgZK